

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I

AGOSTO DE 1895

N.º 8

## Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

### 1. Antiguidades de Marim (Olhão)<sup>1</sup>

A 100 metros approximadamente para NO d'estas ruinas a exploração do solo pôs a descoberto uma pequena necropole. Estudámos ali quatro sepulturas, cuja planta se acha hoje no Museu Municipal da Figueira, e de que démos copia para o Museu de Faro. As fossas, abertas em marne calcarea, tinham fôrma sensivelmente rectangular ou trapezoidal, com a profundidade media de 0<sup>m</sup>,50, orientadas todas de NO-SE, e estavam abaixo do nivel do solo entre 0<sup>m</sup>,30 e 0<sup>m</sup>,80. Tres estavam cobertas por lages, e uma por quatro cippos funerarios arrancados de outras sepulturas, alguns tijolos e pedaços de lage, tudo fortemente cimentado com dura argamassa de cal e areia. Um dos cippos tinha as inscripções voltadas para fóra. Media a cobertura total da fossa onde estavam os cippos 2<sup>m</sup>,35 no comprimento e 1<sup>m</sup>,05 na maxima largura.

Duas das sepulturas não tinham revestimento interior; mas as outras eram revestidas de paredes feitas com pedra, tijolo e argamassa, exceptuado o lado NO da fossa que continha os quatro cippos, que era revestido por um outro cippo invertido e cravado de cutello, com as inscripções voltadas para dentro. O leito era formado apenas pelo fundo nu da excavação, apresentando em tres das fossas um resalto onde se apoiara a cabeça do esqueleto, e sendo este resalto substituido na restanté por uma especie de almofada feita com cal e areia.

<sup>1</sup> Continuação do n.º 5.

Para fazer ideia da extensão d'estas fossas sepulcraes indicaremos apenas as dimensões de uma d'ellas, de mediana grandeza: media 1<sup>m</sup>,95 a 2 metros no comprimento, e 0<sup>m</sup>,50 a 0<sup>m</sup>,60 na largura.

Cada fossa continha um esqueleto em posição horisontal, com a cabeça para o NO, como na necropole luso-romana de Ferrestello, pertencente á quinta de Foja, na visinhança de Santa Olaya, onde, todavia, as sepulturas eram feitas só com telhas romanas ou lages brutas, cravadas de cutello. Em duas das fossas havia ossos agglomerados e sem ordem de outros esqueletos aos pés dos primeiros: eram sem dúvida provenientes de inhumações anteriores nas mesmas sepulturas; facto tambem observado na referida necropole de Ferrestello,



Fig. 2

e que apparece até em necropoles pertencentes a mais antigas civilizações, como são as da Grecia pre-homerica. Referindo-se aos hypogeus de Mycenae, Perrot e Chipiez dão a noticia seguinte: — «Lorsque, toute la place étant prise, on avait à introduire dans la tombe un nouveau mort, on dérangeait, au profit de celui-ci, les premiers occupants; leurs os dépouillés de la chair, déjà disjoints et blanchis, on empilait dans le fond du caveau <sup>1</sup>».

Com esses ossos removidos estavam em uma das fossas nove pregos de ferro muito oxidados, que não differem na forma de alguns dos nossos pregos actuaes. Noutra fossa encontrámos tombado ao lado

<sup>1</sup> *Histoire de l'Art*, t. vi, pag. 574.

esquerdo do cranio um pequeno vaso de barro alvadio com o typo da *ampulla*, servindo provavelmente de *unguentarium* ou vaso de perfumes (fig. 2).

Dos ossos humanos poucos pudémos aproveitar, attendendo ao seu estado; mas entre elles figura a parte superior de um cranio, notavel pela pequena elevação do frontal e forte desenvolvimento das arcadas supraciliares, pertencente a um esqueleto em que o femur tem a pilastra tambem extraordinariamente desenvolvida.

Dos tijolos que entravam nas paredes das sepulturas recolhemos tres typos: — um rectangular, medindo no comprimento 0<sup>m</sup>,30, na largura 0<sup>m</sup>,205 e na espessura 0<sup>m</sup>,065; — outro trapezoidal, com dois angulos reintrantes nas extremidades da base, medindo aos lados 0<sup>m</sup>,27, na base 0<sup>m</sup>,22, no topo, que está incompleto, 0<sup>m</sup>,17 e na espessura 0<sup>m</sup>,04; — e outro alongado, medindo no comprimento 0<sup>m</sup>,18, na largura 0<sup>m</sup>,052 e na espessura 0<sup>m</sup>,038.

Dos cippos só aproveitámos dois, indo os restantes, em que as inscrições estavam deterioradas, para o Museu de Faro.

O da fig. 3 tem as seguintes inscrições:

D M S  
PATRICIA VI  
XIT ANNIS XI  
D IIII

«Consagrado aos deuses Manes. Patricia viveu 11 annos e 4 dias.»

D M S  
PATRICIUS VI  
XIT ANNIS  
XCIII M III D X  
IIII PISPI

«Consagrado aos deuses Manes. Patricio viveu 93 annos, 3 mezes e 14 dias. Jaz sepultado a expensas publicas (?) (*publica impensa sepultus jacet* (?)<sup>1</sup>.)»

<sup>1</sup> [Supponho que as letras PIS da última linha d'esta inscrição significam antes P(*ius* I(n) S(*uos*): «piedoso para com os seus». As últimas duas letras

O da fig. 4 diz:

D M S  
 DIONY  
 SIANVS  
 VIXIT  
 ANN  
 XXXV IIII D V  
 DINITL  
 TTBL

«Consagrado aos deuses Manes. Dionysiano viveu 39 annos e 5 dias.»

Segundo o Sr. Hübner, as letras DINITL TTBL estão erradas, por impericia do artista, e deverão talvez conter a fórmula vulgar P(ius) I(n) S(uos) S(it) TIBI T(erra) L(evis). Antes de examinar o calco d'esta inscripção o illustre epigraphista lembrára que aquellas letras podiam significar o seguinte; D(ic) V(iator) D(ei) I(nferi) N(e) I(nvideant) T(ibi) L(ocum) T(itulum) T(erram) L(evem) B(oni) L(ibenter).

D M S  
 MARITIM  
 A VIXT  
 ANN  
 XXV D V D  
 INITL  
 TTBL

«Consagrado aos deuses Manes. Maritima viveu 25 annos e 5 dias.»

Com relação ás letras DINITL TTBL existem as mesmas dúvidas que na inscripção anterior.

offerecem difficuldade; se fossem TL em vez de PI teriamos T(erra) L(evis); mas, comquanto no calco a penultima letra me pareça um T, o Sr. Dr. Santos Rocha diz-me que a pedra está falhada, e que elle distingue um P. A última letra, apesar de ter a fôrma de I, podia ser L com a haste horizontal inferior muito curta. Tambem a primeira letra da segunda linha parece mais T do que P, e comtudo é P.—J. L. de V.]

São notaveis estes cippos por terem lavor geminado e cada um duas inscripções; e pertencem provavelmente á mesma epocha, como indica o estylo das rosaceas, que é identico nos frontões de ambos. Mas o segundo é incontestavelmente o mais interessante pelos ornatos em baixo relevo, figurando um portico de ordem jonica, tendo uma inscripção em cada intercolumnio e dois frontões, entre os quaes se acha esculpida uma corôa, que parece de loureiro. A corôa de louro, como é sabido, era concedida aos generaes triumphadores.

O Sr. Hübner, tendo em vista o estylo dos caracteres das inscripções, attribue os cippos aos fins do seculo II ou principios do seculo III.

O juizo que fazemos da necropole de Marim é que pertencia a escravos do estabelecimento agricola que ali existia.

Segundo refere a historia, os trabalhos agricolas eram entre os romanos feitos por escravos (*familia rustica*), e estes, em regra, eram inhumados depois da morte; o que explicará talvez a grande quantidade de necropoles por inhumação da epocha romana, que se tem encontrado pelo fertil litoral do Algarve. O cidadão romano, segundo Plinio (liv. xv) era geralmente incinerado, posto que muitas familias conservassem o antigo uso da inhumação.

Já ao tempo das leis das Doze Taboas a incineração era praticada, pois que estas prohibiam que alguem se enterrasse ou queimasse no recinto de Roma. Alguns auctores dizem que as duas fórmãs de sepultura, por inhumação e incineração, subsistiram sempre, porque nenhuma lei impoz aos cidadãos a escolha de uma ou outra, sendo a plebe enterrada em uma valla commum<sup>1</sup>; outros que a cremação cessou no tempo de Domiciano, entre 81 a 96 depois de Christo<sup>2</sup>; outros que a cremação começou a declinar no seculo III e cessou por completo no IV da era christã<sup>3</sup>; e outros que a inhumação só começou no seculo II depois de Christo<sup>4</sup>. No meio d'estas divergencias o que a archeologia tem provado é que na cidade de Roma existiram os dois usos, como resulta sobretudo de excavações modernas na Via Appia; mas que em certas provincias o uso geral era a cremação. Em Pompeia, na avenida dos tumulos, só appareceram tres sarcophagos, em que os corpos haviam sido encerrados, e algumas raras

<sup>1</sup> *La vie antique*, Rome, pag. 490 e 493.

<sup>2</sup> Schliemann, *Péloponèse, Troie*, pag. 36 et 191.

<sup>3</sup> Volpierre, *Dictionnaire*, v. *tombeau*.

<sup>4</sup> Friedlaender, *Mœurs romaines*, t. III, pag. 220.

inhumações na terra; ao passo que um *sepulcretum* por incineração indica que os pobres também praticavam este uso <sup>2</sup>.

Quanto aos escravos, os mais fieis dos domesticos (*familia urbana*) eram ás vezes incinerados e os seus restos iam para o *columbarium* da familia <sup>3</sup>; mas dos escravos empregados na agricultura, sobretudo na longinqua provincia da Hespanha, ninguem provavelmente se occupava, a não serem as pessoas da mesma condição servil: seriam simplesmente enterrados.



Fig. 3

O que, sobretudo, confirma a nossa hypothese é a pobreza d'essas sepulturas de Marim e outros logares do Algarve, assim como a da necropole de Ferrestello. Esta forneceu um prego; e a de Marim um vaso de barro e alguns pregos! Comparada esta pobreza com o variado mobiliario que se encontra nas necropoles por incineração, onde também se notam urnas cinerarias sem offerta alguma, indicando

<sup>2</sup> *Pompeia* cit., pag. 93, 94, nota 1, 112 e 115.

<sup>3</sup> *La vie antique*, cit., pag. 126; *Hist. de l'Art*, t. vi, pag. 572.

que essas necropoles abrangiam cidadãos da plebe, parece-nos que a opinião emittida é com effeito a mais verosimil.

Não temos elementos para determinar a epocha do dominio romano a que pertencem a nossa necropole e as ruinas proximas. Seria arriscado, por exemplo, conjecturar pela fórma de duas das facas, que têm similares nas ruinas de Pompeia, que as de Marim fossem do seculo I de nossa era: essa fórma devia ter existido durante muitos seculos no mobiliario romano. Mas, quando Estacio da Veiga explorou a outra necropole que existia para leste, a uns 200 metros da nossa,



Fig. 4

encontrou-se uma inscripção lapidar, e uma testemunha presencial me referiu ter ouvido ler uma data que indicava aproximadamente 1900 annos de antiguidade. O que ha de verdade nisto não sabemos: relatamos o facto sómente para fazermos o registo fiel do que colhemos no acto da exploração. Tambem nada ao certo sabemos da necropole ou epocha a que pertenciam os referidos cippos, que encontrámos deslocados, a servirem de lages, em uma das sepulturas: só temos a indicação do Sr. Hübner. Mas é obvio que esta necropole era muito mais antiga do que a explorada por nós, a ponto de se haver perdido, completamente, o respeito pela memoria d'aquelles a que as inscripções se referiam.

## 2. Antiguidades do concelho de Faro

Seguindo de Olhão para Faro, pela estrada real, encontra-se nas immedições d'esta cidade, ao sul do posto fiscal que alli existe, uma campina bastante extensa, onde apparecem restos da industria romana, taes como canos, tijolos, telhas e fragmentos de vasos. Fomos informados nesse local que Estacio da Veiga havia já explorado os terrenos, não encontrando cousa de importancia; e este facto não nos animou a tentar qualquer excavação. Mas verificámos a presença dos tijolos e telhas, de alguns fragmentos de amphoras e de argamassa romana, tudo espalhado á superficie do solo, salvo um tijolo inteiro que os cultivadores haviam já recolhido. Tudo leva a crer que existira alli um estabelecimento agricola, como o de Marim, mas não tão rico como este.

\*

Mais adiante, ao pé de Faro, na quinta do Sr. Pinto, commerciante, constou-nos que em excavação para uma nora apparecera a grande profundidade um pavimento, que presumimos, pela descripção, ser mosaico, pedaços de columnas e alguns restos de ceramica antiga. Visitando o sitio, vimos ainda uma base de columna romana; e pouco depois o illustre conservador do Museu de Faro, Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto, obteve do proprietario alguns exemplares de candeias romanas de barro, que elle casualmente havia recolhido.

Tudo o mais foi destruido, sepultado de novo nos entulhos ou mettido na alvenaria do poço! Uma exploração alli seria agora difficil e dispendiosa; e provavelmente tambem o proprietario a não consentiria.

\*

Faro tem fornecido alguns objectos arabes. Alem de uma candeia de barro, existente no Museu d'aquella cidade, candeia que fôra recolhida ao pé dos Paços do Concelho, nós vimos em poder do Sr. Dr. Virgilio Francisco Ramos Inglez, governador civil do districto, as peças de um pequeno thesouro, encontrado dias antes dentro da cidade, nas quaes notámos presença de elementos d'ornamentação arabe, ou pelo menos d'estylo oriental. Em uma pequena taça de



prata, de que só aproveitaram alguns fragmentos, estavam enterrados um par de grandes arrecadas, um bracelete massiço em espiral, de secção polygonal, uma pequena barra, tudo de ouro, e um anel que nos pareceu de *electrum*. As arrecadas, de ouro batido, tem uma rosacea ao centro, em cujas petalas deviam ter estado engastadas pedras preciosas, e em redor um lavor de duas faxas onduladas, cruzando-se e formando entre ellas espaços circulares. A fórma geral d'estes dois objectos e a rosacea com as petalas ponteagudas, dispostas em fórma de estrellas, tem similares na arte arabe, e o lavor circumdante pertence a um velhissimo estylo da ornamentação oriental que vae encontrar-se até na arte assyriana.

Ao norte de Faro, dois kilometros aproximadamente para alem das célebres ruinas do Milreu em Estoi, attribuidas a *Ossonoba*, e de que se acha explorado o sítio das thermas (mas sem um estudo minucioso), na estrada de S. Braz de Alportel, encontra-se o sítio de Cancellia. Nesse local notámos em uma propriedade do Sr. Pires restos de tijolos romanos e algumas lages que haviam coberto duas sepulturas encontradas por occasião da lavoura. Essas lages e tijolos recordavam as sepulturas de Marim.

Fazendo a fatigante ascenção do Monte do Castello, que fica sobranceiro á estrada, notámos na encosta um fragmento de dolio ou outro grande vaso; e fomos informados pelo nosso guia de que uma pequena figueira existente no meio de um figueiral adulto estava plantada dentro do bojo de um grande vaso de barro, que alli se encontrara soterrado e que os plantadores partiram até meio aproximadamente. O fraco desenvolvimento da arvore justificava a hypothese; mas não tentámos a exploração do local, por nos parecer pouco proveitosa e de muito dispendio, e ainda por não conhecermos o proprietario.

\*

Para o oeste de Faro, a seis kilometros aproximadamente, encontra-se o pequeno povoado de S. João da Venda. Passando alli pela estrada real, notámos logo á entrada, do lado do norte, em propriedade de José Baptista Relva, um muro de alvenaria sêca, bordando a via, na qual estavam empregados grandes pedaços de *pavimentum* e de *dolia*. Informou-nos depois um parente do proprietario que esses objectos faziam parte de uma construcção alli encontrada no seio da terra e de grandes potes que nella existiam; e que nas lavouras tambem appareciam umas cousas de barro semelhantes a funis, mas que não eram furadas como estes. Estas indicações foram bastantes

para aventurarmos a hypothese de uma *cella vinaria*, a que pertenceriam os restos de *pavimentum*, os dolios e as amphoras, cujas extremidades inferiores, terminando em bico, apresentavam ao nosso informador o aspecto de funis.

Obtida em seguida auctorisação do proprietario, explorámos uma pequena porção de terreno que se não achava cultivada. O terreno alli eleva-se docemente desde a estrada publica para o norte, formando, a altura de alguns metros apenas, uma planura onde se acham as casas; e é cortado por um caminho do serviço particular do proprio predio, que communica directamente as casas com a via publica. A excavação no terreno contiguo a este caminho, pelo lado de oeste, quasi a dois terços da altura da encosta, descobriu apenas restos do pavimento de um edificio e de ceramica. O pavimento era igual ao que fôra arrancado para o muro, e composto de argamassa e bocados de tijolo, telha e pedra.

Pensámos que, existindo tão poucos restos em terreno não cultivado ha annos, não era provavel que a exploração dêsse melhores resultados no terreno cultivado; e por isso, embora o proprietario nos auctorisasse a destruir a cultura, indemnizando-o, não proseguimos por esse lado. Alli mesmo nos contaram que as cavas tinham sido profundas, e que das ruinas alli existentes escapara apenas um *forno*, que pela descripção ajuizamos ser alguma cuba do *torcularium*, como as que se vêem nas ruinas do Milreu, ou algum grande vaso de barro soterrado, servindo ao mesmo destino. Preferimos explorar o proprio leito do caminho, que não havia memoria de ter sido excavado, e onde as erosões das aguas pluviaes tinham posto a descoberto numerosissimos fragmentos de ceramica romana que o transito tinha reduzido a pequenissimas fracções. Foi então que descobrimos verdadeiras pilhas de fragmentos de amphoras, desde 0<sup>m</sup>,40 a baixo do nivel do solo. Para fazer-se ideia da enorme quantidade d'estes restos, basta dizer que em 4 a 5 metros quadrados de superficie, descendo a excavação até 1<sup>m</sup>,40 e 1<sup>m</sup>,60 aproximadamente, nós recolhemos o bastante para carregar uma carroça.

Como não se encontravam senão restos d'esses vasos, de *dolia* e de alguns outros difficeis de classificar, démos a exploração por finda.

Lavados e enxutos todos os fragmentos, tentámos restaurar alguns vasos; mas não conseguimos senão restaurações parciaes. A maior abrange dois terços aproximadamente do corpo de uma amphora. Abundavam grandes fragmentos, contendo a bocca, collo, asas e a parte superior do bojo; mas os fundos não estavam em proporção

com estes restos e muito menos com os fragmentos dos bojos, não associados aos collos. Este facto fôra notado tambem no proprio acto da exploração; porque tendo nós posto a descoberto uma pilha de collos com parte dos bojos, que não continha menos de cem exemplares, appareceram apenas uns quinze fundos; o que nos fez persuadir que essas amphoras tinham primitivamente os fundos enterrados, como se usava muitas vezes, e que a mesma causa de destruição os ferira a todas, impellindo para certa distancia os corpos dos vasos que estavam fóra da terra, e deixando ficar enterrada a maior parte dos fundos. Se tivermos em vista que junto á orla do caminho, do lado onde o proprietario descobrira as ruinas, appareceram á profundidade de 0<sup>m</sup>,70 restos de uma camada de cinzas, não parecerá fóra de razão admittir que o homem, em alguma sangrenta lucta, levava a destruição ao vasilhame contido na *cella*, e em seguida incendiara o edificio.

Os fragmentos das amphoras indicam que estes vasos eram de diversas dimensões, havendo alguns que não deviam exceder 0<sup>m</sup>,40 a 0<sup>m</sup>,50 de altura. Os barros eram geralmente de côr vermelha mais ou menos intensa, tomando ás vezes um tom ligeiramente violaceo; e a pasta grosseira. Mas alguns exemplares appareceram de côr parda e escura, quasi negra, que são de barro ainda mais impuro do que os outros.

Entre os fragmentos encontram-se os de alguns vasos cuja pasta era negra interiormente e vermelha nas superficies, como já tinha sido notado nos restos de Marim; e bem assim restos de amphoras que pareciam ter coberta vitrea, devido talvez a circumstancias especiaes da cozedura.

A fórma de todas as amphoras, segundo as indicações dos fragmentos, era a do typo, muito conhecido, em que o maior diametro do bojo está proximo do collo e vae diminuindo gradualmente para o fundo até terminar por uma ponta saliente, como o cano de um funil. As asas, umas vezes roliças, outras achatadas e com uma canelura longitudinal ao meio, ora partem da bocca, ora do collo, logo abaixo do rebordo da bocca; e a ponta do fundo attinge em alguns exemplares mais de 0<sup>m</sup>,1.

Entre os fragmentos de outros vasos aproveitámos parte do fundo e do bojo de dois *dolia*, uma grande asa e parte da bocca de um vaso de mediana grandeza. Nenhuma louça fina parecida com alguns exemplares de Marim: vê-se bem que aquelles restos não eram dependencia de uma habitação sumptuosa como a que existira na propriedade do sr. João Lucio Pereira.

\*

Para NO d'esta estação, a 500 metros aproximadamente, percorrendo os terrenos de uma propriedade pertencente ao sr. Dr. José Caetano de Mattos Sanches, administrador de Faro, notámos em um relevo de solo, que fica ao norte, alguns restos de telhas romanas. Foi neste predio que nós vimos tambem uns velhos e carcomidos potes de barro, de grandes dimensões, que haviam servido para deposito de azeite, onde se manifesta com bastante exactidão a fórmula dos dolios romanos, taes como nos são descriptos nos tratados de archeologia. Informaram-nos que estes vasos se fabricavam outrora em Loulé.

Tambem nos contaram que no monte que fica fronteiro e ao sul da propriedade do referido Relva, do outro lado da estrada, havia apparecido uma sepultura; e muitas outras no sitio dos Caliços, para o lado do NO. Tudo fôra destruido; mas, pela descripção que nos fizeram, suppozemos que eram analogas ás descobertas por nós em Marim.

\*

Antes de deixarmos as immediações de Faro visitámos algumas vezes as conhecidas ruinas romanas de Milreu, em Estoi, com o intento de fazer alguns estudos sobre certos materiaes de construcção, que são os objectos que menos interessam á generalidade dos visitantes. As nossas observações pouco adeantaram ao que já sabiamos pelos livros e pelos nossos proprios trabalhos; mas convem regista-las aqui, para chamar a attenção dos estudiosos sobre a materia.

Notámos alli diversas especies de cimentos. Em fragmentos dispersos na area das Thermas uma pasta feita de cal, areia e cacos pisados, o *opus signinum*, inventado em Signia, que Plinio nos descreve nestes termos: «fractis etiam testis utendo sic, ut firmius durent tuis calce addita, quae vocant Signina. Quo genere etiam pavimenta excogitavet». Quer dizer: «utilisam-se os fragmentos ceramicos, de tal modo que, pisados e misturados com cal, tornam-se mais solidos e duradouros, especie de composiçãõ chamada de Signia; tem-se até applicado esta preparaçãõ aos pavimentos dos edificios<sup>1</sup>». Este genero de apparelho é o mais geral nas ruinas romanas do Algarve que nós

---

<sup>1</sup> Liv. 35, cap. 46, § 5.

encontrámos; e já o havíamos notado nas ruínas da Senhora do Desterro em Montemor-o-Velho. Apparece nos pavimentos; e em Marim até nos emboços das paredes, como já dissemos. Nesta composição mistura-se também geralmente a pedra britada, e até os miudos seixos. Em muitos exemplares os fragmentos de barro cozido são reduzidos a pequenissimas dimensões; e nalguns a cerâmica parece até reduzida a pó e misturada só com a cal.

Na alvenaria a argamassa é de cal e areia, entrando geralmente aquella em forte proporção. Mas encontrámos paredes em que a argamassa tem tanta areia que apresenta fraca coesão. Até nos emboços se nota ás vezes esta ultima pasta. Assim os restos de pinturas muraes *a fresco* que existem em uma sala das *Thermas*, pinturas muito mais singelas e grosseiras do que as de Marim, estão sobre uma fina camada de cal pura, e esta applicada sobre uma camada mais espessa de argamassa em que a cal entra em proporção regular; mas por debaixo ha um emboço em que a areia superabunda; e é por alli que os visitantes têm conseguido separar grandes fragmentos.

Notámos também a cal pura ou quasi pura na formação dos mosaicos sobre o pavimento; e no revestimento interior do grande tanque existente no *atrium* das *Thermas*, tanque que alguns pensam ser o *impluvium*, mas que é provavelmente a *frigida natatio*, uma fina camada de cimento trigueiro e muito duro, que devia ser impermeavel. Este cimento parece também applicado com cal no mosaico *dos peixes* e no que se encontra na face externa do muro occidental do peribolo do supposto templo adjunto ás *Thermas*, attendendo á extraordinaria dureza da pasta que liga os cubos de pedra (*tessella*).

Nos materiaes de barro cozido apparecem exemplares interessantes. Ha uns tijolos grandes em que um dos lados, em vez de terminar por uma superficie rectangular, termina em aresta viva, em fórma de bico de flauta. Para achar a explicação d'estes objectos é preciso examinar os pedaços de muro que estão caídos á esquerda da actual entrada das *Thermas*: alli se vê que serviam de moldura no envasamento das paredes. No Museu municipal da Figueira ha um exemplar mais pequeno d'estes tijolos, que é proveniente de Buarcos.

Outros tijolos, bastante espessos, tem a fórma de quarto de círculo, podendo servir para formarem fustes de columnas e outras superficies arredondadas.

Outros, cuja fórma não pudemos determinar, por só encontrarmos fragmentos, apresentam, em uma das faces maiores, caneluras de 0<sup>m</sup>,02 de largura, indicando a figura do losango.

Abundam também os pequenos tijolos rectangulares alongados, geralmente de 0<sup>m</sup>,14 e 0<sup>m</sup>,18 no comprimento, 0<sup>m</sup>,067 e 0<sup>m</sup>,075 na largura, e 0<sup>m</sup>,047 e 0<sup>m</sup>,055 na espessura. Nós recolhemos exemplares de dimensões ainda inferiores a estas nas ruínas do edificio romano da Senhora do Desterro em Montemor-o-Velho.

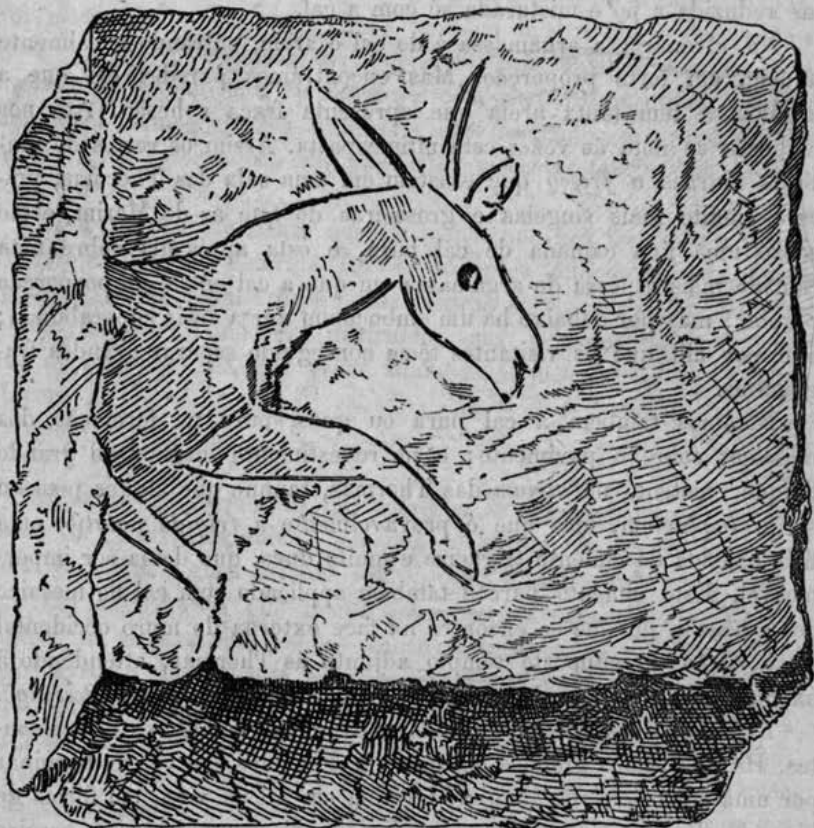


Fig. 5

Foi em dois fragmentos d'esses pequenos tijolos, que tivemos a fortuna de encontrar uma gravura aberta na pasta depois de cozida, que representa a parte anterior do corpo d'uma cabra, e de que damos o desenho na fig. 5, e parte da marca do fabricante, representada na fig. 6, aberta na pasta ainda fresca.

As letras que circumdam a marca dizem FRONTINIANI. Faltam as restantes, que deviam ser OVER, pois que assim se lê em um exemplar completo existente no Museu de Faro.

\*

Alem d'estes barros cozidos notam-se restos de tubos com profunda estriação na face interna, semelhantes aos das outras estações romanas de Portugal e da Hespanha, e sobretudo os cubozinhos (*tessellae*) que

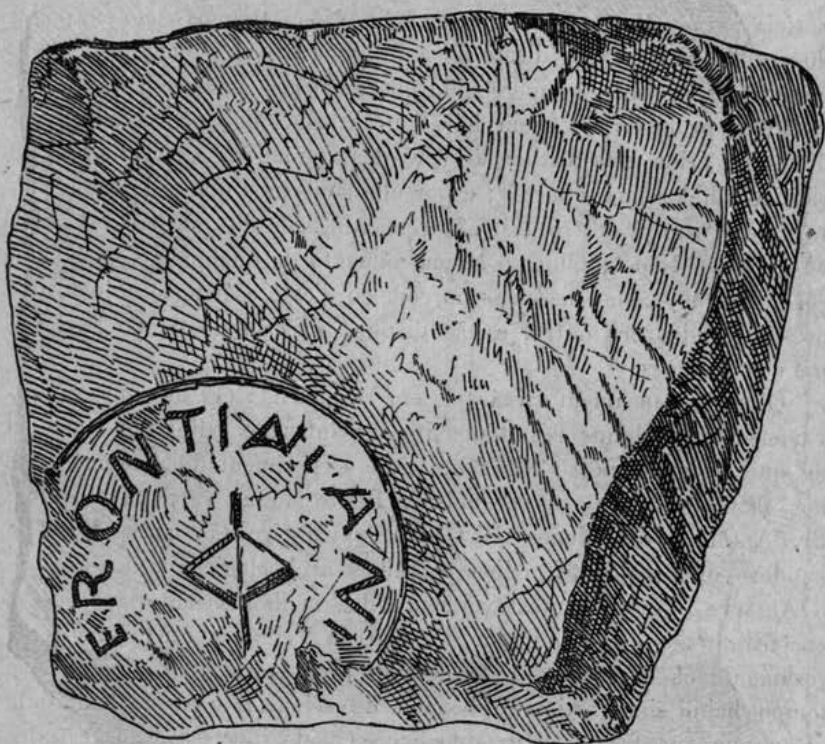


Fig. 6

cercam os pavimentos de mosaico junto ás paredes, e que parecem ter sido cobertos pelo revestimento d'estas.

Eis o mais interessante no assumpto das nossas investigações em Milreu. Vamos em seguida passar ao concelho de Lagos.

### 3. Antiquidades do concelho de Lagos

O concelho de Lagos parece rico em monumentos da epocha luso-romana. O Rev.<sup>do</sup> José Joaquim Nunes, distincto homem de letras affeiçãoado aos estudos archeologicos, que exerce em Lagos o cargo

de capellão do regimento de infantaria 15, annunciou-nos a descoberta recente de uma necropole em uma campina proxima da cidade, onde foram recolhidos alguns artefactos manifestamente romanos. As sepulturas eram por inhumação. Pelas indicações que nos foram dadas pareceu-nos que essa necropole era semelhante á de Marim.

O Rev.<sup>do</sup> prior da Luz confirmou-nos a descoberta d'outra necropole a dois ou tres kilometros da povoação, de que já havia dado noticia para o Museu Municipal de Faro. Nós tínhamos visto em poder do erudito conservador d'este museu alguns objectos encontrados alli, e não nos passára desaperecebido que uns eram puramente romanos, e outros prehistoricos, com feição neolithica. Mas não conseguimos do digno prior uma distincção clara dos monumentos em que tinham sido recolhidos uns e outros; e por elle soubemos que todas as sepulturas estavam já destruidas, não restando mais do que parte de uma ou de duas. Não tentámos o reconhecimento de qualquer d'estas estações, porque, como dissemos no começo d'este escrito, o objecto dos nossos estudos era outro, e não dispunhamos já do tempo bastante para divagações.

O nosso pensamento fixára-se em Bensafrim: era alli que esperavamos colher alguns resultados interessantes; e seduzia-nos a ideia de que teriamos nesse logar um guia experimentado e seguro, que nos facilitaria muito as pesquisas. Refiro-me ao respeitavel prior, Sr. Antonio José Nunes da Gloria, cavalheiro tão instruido como bondoso e obsequiador, cujos trabalhos archeologicos tem illustrado o Algarve e são incontestavelmente dos melhores materiaes que se encontram na obra do finado Estacio da Veiga, a quem elle generosamente os offerecêra. Este notavel presbytero, que é ao mesmo tempo habilissimo artista e homem de sciencia, conhece bem tudo o que na sua freguesia e immediações póde interessar aos estudos archeologicos. Foi por elle que adquirimos conhecimento mais minucioso das célebres necropoles da Mexilhoeira-Grande e da Fonte-Velha e tivemos noticia de várias estações romanas, uma das quaes fôra descoberta mui recentemente.

Por sua indicação encetámos os trabalhos de exploração a curta distancia do povoado, junto a uma nora, onde se haviam descoberto algumas sepulturas; mas infelizmente já todas tinham sido destruidas, e por isso nada colhemos. Aproveitando entretanto algumas horas que nos sobraram d'esta primeira pesquisa, accetámos o convite de um lavrador, que a algumas centenas de metros nos offerecia o estudo de umas ruinas; e demos num outeiro, onde appareciam á superficie do solo alguns restos de muros.



O proprietario conduziu-nos a um sitio afastado d'esses muros, e disse-nos que alli estavam soterrados dois tanques. Pela excavação pusemos effectivamente a descoberto uma obra que nos interessou bastante. Eram duas fossas quadrangulares, apenas separadas entre si 0<sup>m</sup>,16 aproximadamente e com a profundidade média de 0<sup>m</sup>,50, dispostas na direcção de NS. A do norte, muito irregular, média no lado do sul 1 metro, no lado do norte 1<sup>m</sup>,16, pelo nascente 0<sup>m</sup>,90 e pelo poente 1<sup>m</sup>,10. A do sul média nos lados do norte e sul 1<sup>m</sup>,10 e pelo nascente e poente 1 metro.

Eram ambas revestidas com argamassa de cal e areia. Este revestimento estava applicado directamente sobre a terra argilosa e muito compacta do fundo e das paredes das duas excavações, excepto no lado poente d'estas e nos do norte e nascente da primeira fossa, onde era applicada a uma especie de muro muito tosco, feito de pedras, barro e argamassa.

No meio de cada fossa existia, no pavimento que formava o fundo, uma covinha redonda e de fundo concavo, com o diametro de 0<sup>m</sup>,20 a 0<sup>m</sup>,25 aproximadamente, para a qual se inclinava sensivelmente o pavimento.

Na do norte recolhemos fragmentos de um grosso vaso, em fórma de alguidar, esmaltado internamente de verde, do qual conseguimos restaurar uma parte consideravel, hoje exposta no Museu Municipal da Figueira. Pelas informações do proprietario, este, explorando o sitio pouco tempo antes, tinha encontrado no fundo da fossa todos os fragmentos d'esta peça, dispostos de fórma que indicavam ter sido fracturado pelo pêso do entulho; mas, não fazendo caso de semelhante achado, muitos dos fragmentos haviam saído com a terra que extraíra, e estavam esparsos no seio do terreno circumvizinho, que fôra lavrado. Por fortuna nossa ainda pudemos recolher alguns d'estes últimos.

Esta ceramica é considerada arabe; e o museu da Figueira possui exemplares semelhantes encontrados em excavações feitas no recinto da Misericordia de Buarcos, que se achavam associadas a outras louças que tambem reputamos arabes.

A 1<sup>m</sup>,50 aproximadamente para oeste d'estas fossas e na direcção da sua divisoria encontrámos uma pedra circular, com o diametro de 0<sup>m</sup>,70 pouco mais ou menos e outro tanto de espessura, lavrada na face superior e em parte da superficie lateral, tendo no centro um orificio e no fundo d'este um outro de menor diametro, mas que parecia não ultrapassar metade da espessura da pedra. O proprietario informou-nos que estava no mesmo sitio em que a havia encontrado; mas que a tinha levantado, cortando uma especie de pavimento de

argamassa que a cercava, e a deixara com a face superior (a do orificio) um pouco inclinada, em vez da posição horizontal que tinha.

Dois problemas nos surgiram em face d'estas ruinas. Qual o destino de semelhante obra? Que povo a construiu? Nós ficámos sériamente embaraçados com a sua solução, á falta de noções historicas e de dados archeologicos que nos servissem de comparação; e ainda hoje não nos julgamos auctorizados a afirmar cousa alguma sobre este assumpto. Entretanto, para encetar o estudo, não deixaremos de formular as hypotheses que mais provaveis se apresentaram ao nosso espirito.

As fossas com as pequenas cavidades no fundo, que se inclina sensivelmente para estas, e revestidas de argamassa, indicam recipientes de algum liquido, servindo aquellas cavidades para o extrair até ás ultimas gotas. A agua não era, de certo, esse precioso liquido: as proprias dimensões das fossas e a abundancia de aguas nativas na localidade repellem semelhante hypothese. Devia ser algum producto agricola muito estimado, como o vinho ou o azeite.

Posto isto, se imaginarmos que no orificio da pedra circular se montava o eixo de um parafuso, ou se fixava uma haste de ferro para sobre ella girar outra pedra, teremos uma prensa ou um moinho. Este poderia servir para esmagar a azeitona: aquella para espremer o bagaço da uva ou da azeitona. Por um pavimento inclinado o liquido escorreria para as duas fossas.

Assim, em qualquer dos casos, as ruinas em questão pertenceriam a um pequeno lagar.

Não surprehenda a explicação. Os romanos, por exemplo, usaram no *torcular* o parafuso (*cochlea*) á moda dos gregos, como nos conta Plinio<sup>1</sup>. Era esse parafuso que movia a vara (*prelum*), como ainda se pratica nos lagares da actualidade.

O moinho de esmagar a azeitona (*trapetum*) não era sempre feito pelo modelo do que foi descoberto em Gragnano, descripto pelos archeologos: tambem se construia pelo systema que nós indicamos. Eis o que a este respeito diz Lagrèze, descrevendo o estabelecimento de um mercador de azeite de Pompeia: «L'huile était puisée dans une cavé revêtue de ciment, comme c'est toujours l'usage en Italie. Caton nous apprend que Pompéi était renommée pour ses pressoirs et pour ses moulins. Ces moulins à bras ont la forme de ceux que l'on fait encore. La meule du haut tournait sur la pierre inférieure

---

<sup>1</sup> *Nat. Hist.*, liv. XVIII, cap. 74, §§ 6.º e 7.º

à l'aide d'un appareil en bois mis en mouvement par un esclave ou par un âne<sup>1</sup>.

Entretanto nós preferimos a hypothese da prensa á do moinho, attendendo ao grosseiro lavor da pedra, á sua situação, ao diametro do orificio e sobretudo ao orificio mais pequeno que existe no fundo d'aquelle. O parafuso de madeira devia ser uma grossa peça; e, para girar facilmente, teria na extremidade inferior algum eixo de ferro, que se movia no pequeno orificio.

A obra, porém, não nos parece romana. O aparelho da alvenaria, o revestimento e a argamassa não são semelhantes aos das obras romanas que temos visto no proprio Algarve; e a fôrma das fossas é completamente diversa da dos recipientes usados no *torcularium*, de que restam ainda dois exemplares nas ruinas de Milreu.

O trabalho é muito ligeiro, muito fragil e muito tosco para ser romano: mais nos parece arabe. É sabido que os arabes aproveitavam a propria terra para os muros das suas edificações, seguindo um antiquissimo uso do Oriente; e os muros de terra pisada chamados de taipa, ainda hoje tão generalizados no Algarve, são provavelmente vestigios da sua arte de construir. A ligeireza d'essas construcções, de que ainda restam exemplares na Hespanha, tem um certo ar de familia com a da obra de Bensafrim, porque até o fundo e paredes das fossas parecem ter sido fortemente comprimidos para receberem o revestimento da argamassa, que devia torná-los menos permeaveis.

Um argumento poderoso favorece esta hypothese: um vaso robusto, que servia talvez para conduzir o liquido das fossas para as vasilhas, existia no fundo da fossa do norte; e esse vaso é arabe, segundo a opinião dos que estão familiarizados com estes estudos.

Que a obra fosse destinada ao fabrico do vinho ou do azeite não importa: os arabes fabricavam ambas as cousas, posto que geralmente se pense que a prohibição do Koran os inibia absolutamente de fazerem uso do vinho. Damos a este respeito a palavra ao Sr. Lagrèze: «Les mussulmans d'Espagne (diz elle), cultivèrent la vigne, et ne laissèrent pas aux infidèles le plaisir de profiter seuls de leurs bons vins. Le remords les inquiétait parfois, mais ne les arrêtait pas. Un poème commence ainsi: «J'ai acquis mes péchés dans la boisson, et j'y ai perdu ma vertu».

Le plus souvent ils mouraient dans l'impénitence finale. Makkari raconte qu'un Arabe mourant, qu'on invitait à implorer la miséricorde

<sup>1</sup> Pompéi, les catacombes, l'Alhambra, pag. 32.

divine, s'écria: «Mon Dieu! je ne désire rien de ce que contient le paradis que le vin de Malaga et les raisins secs de Séville<sup>1</sup>».

De resto Bensafrim foi povoação arabe, como indicam o proprio nome, os restos de ceramica arabe que por alli se encontram e os silos que ainda se vêem nas ruas, e a que o povo chama *celeiros dos mouros*.

Estes silos tem sido attribuidos por alguns a povos prehistoricos; mas a verdade é que elles constituem um velho uso do povo arabe, ainda hoje observado. Eis o que sobre o assumpto nos diz, por exemplo, o general Du Barail: «C'est (o silo) une sorte de cave dont les Arabes se servent pour enfermer leurs provisions. On creuse le silo autant que possible dans un terrain sec et assez compact pour ne pas se prêter aux infiltrations. Il est très étroit à son orifice, très évasé dans sa partie médiane et assez resserré au fond. Je ne puis mieux le comparer qu'à une gourde, ou plus exactement encore à ces bouteilles instables que les anglais remplissent de soda water<sup>2</sup>».

Dir-se-ia que elle descreve, não silos do norte de Africa, mas os do nosso Algarve.

A. DOS SANTOS ROCHA.

### «Castello Velho» e «Castellino» do Alandroal

A uns dois kilometros, para o Sul, de S. Miguel da Mota, entre este monte e o logarejo das Hortinhas, sobre o Luçafece, sobranceiro ao moinho do Sutil, fica o oiteiro do *Castello Velho*, que é um *castro*, como outros de Portugal. Actualmente está, em parte, coberto de oliveiras; em parte é terra de sementeira. Em toda a sua extensão, que não é muita, está rodeado de parede baixa, rasa com a superficie do terreno; as pedras, que são de natureza schistosa, assentam horizontalmente umas sobre as outras; em certos pontos ha já barrancos, produzidos por excavações. O oiteiro do *Castello Velho* tem bastante altura, e está em posição muito estrategica: pelo N e NO defendido pelo rio; pelo Nascente, por uma pequena ribeira, que porém sécca de verão; pela outra ponta, por um valle fundo. A NO ha tambem uma longa e abrupta fila de rochedos que chegam até o rio. Disseram-me

<sup>1</sup> *Op. cit.*, pag. 486.

<sup>2</sup> *Mes souvenirs*, na *Revue Hebdomadaire*, n.º 131 de 1894.